

# RIO CLARO É TURISMO

**Profa. Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz**  
**Turismóloga e Geógrafa**

**Junho/2002**

## **SUMÁRIO**

### **INTRODUÇÃO**

#### **Capítulo 1 – TURISMO E LAZER: AS BASES TEÓRICAS DE ANÁLISE**

**1.1. – Uso do tempo livre: lazer e turismo**

**1.2. – Diversos tratamentos aos temas: lazer e turismo**

**1.3. – Turismo e desenvolvimento sustentável**

#### **Capítulo 2 – A gestão das atividades turísticas e de lazer em Rio Claro**

**2.1. – A gestão das atividades do turismo histórico-cultural em Rio Claro**

**2.2. - A gestão das festas típicas**

**2.2.1 – Carnaval – a maior festa popular de Rio Claro**

**2.3. – A revitalização da atividade artesanal em Rio Claro**

**2.4. – Atividades turísticas e de lazer na Floresta Estadual Navarro de Andrade**

**2.5. – O turismo histórico-cultural e ambiental na Usina Corumbataí**

**2.6. – O turismo de compras no Shopping Center de Rio Claro**

## **Capítulo 3 – O processo de planejamento das atividades turísticas**

### **3.1 – Turismo e desenvolvimento local**

### **3.2 – Rio Claro dentro do PNMT**

### **3.3 - A criação do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo em Rio Claro**

### **3.4- Rio Claro e o turismo no Mercosul**

## **Capítulo 4 – Infra-estrutura turística e de apoio**

### **4.1. – Meios de Hospedagem em Rio Claro**

### **4.2. – Agenciamento de viagens em Rio Claro**

## **Capítulo 5 - Considerações Finais**

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo principal deste trabalho é o de apresentar a evolução do processo de turistificação do espaço de Rio Claro, dentro de uma abordagem integrada através da interpretação da trajetória histórica da ocupação local.

Capaz de movimentar milhões de dólares e empregar milhares de pessoas, o Turismo, uma entre as diversas facetas do Lazer, tem contribuído de forma significativa para a promoção do desenvolvimento local. Em Rio Claro, cidade média da Depressão Periférica Paulista, observou-se, na última década, um movimento direcionado ao fomento às atividades turísticas. Movimento este que tem valorizado seus aspectos históricos e naturais, seu folclore, seus costumes e, principalmente, a qualidade de vida de sua população.

Para entendermos esse processo atual de reafirmação da identidade local e de valorização de suas especificidades, precisamos resgatar um pouco do passado...

A exemplo de vários núcleos urbanos paulistas, Rio Claro teve sua origem em meados do século XVIII, ligada à abertura de rotas pelos bandeirantes que adentravam pelo sertão. Entretanto, a sua ocupação mais intensa deu-se entre 1850 e 1900, quando Rio Claro tornou-se um dos maiores centros cafeicultores de São Paulo. Foi o café que transformou a vila em uma cidade próspera e dinâmica, trazendo os primeiros grupos de imigrantes europeus para região e também a primeira ferrovia, em 1876.

Com a queda do café, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu uma redefinição econômica em todo país, e após a revolução de 1930 houve uma nítida priorização da industrialização. Rio Claro também acompanhou as mudanças nacionais, inicialmente de maneira tímida, mas, a partir da criação do seu Distrito Industrial, na década de 1970, a implantação de unidades fabris expandiu-se, acarretando muitas transformações na área urbana da cidade.

Santos (1992) afirma que o espaço não é apenas formado pelas coisas e objetos geográficos naturais e artificiais da paisagem, mas também pela sociedade. Este seria o principal componente para traçar o perfil dos lugares. Para o autor, os elementos do espaço são: os *homens* – distribuídos em grupos ou classes; as *firmas* – cuja função essencial é a produção de bens, serviços e idéias; as *instituições* – que produzem normas, ordens e legitimações; as *infra-estruturas* e o *meio ecológico*, que cada vez mais vêm sendo transformado em meio técnico, sofrendo modificações e impactos das ações antrópicas. Em Rio Claro, o que tem determinado a configuração, o arranjo e os rearranjos territoriais observados é a ação da população que vem sendo a agente modificadora do espaço local. As firmas e instituições, representadas aqui pelo poder público e empresas, também podem ser consideradas como responsáveis pela reorganização espacial da área através da implantação de infraestrutura industrial e urbana.

Atualmente, Rio Claro, localizada em uma das regiões mais desenvolvidas economicamente do Estado, tem um alto grau de urbanização, o que acarreta a necessidade de providências urgentes quanto à ampliação da oferta de serviços essenciais, entre eles os relativos ao lazer e ao turismo.

A administração municipal, tendo consciência dessa problemática, vem direcionando grandes esforços no estabelecimento de estratégias de gestão da atividade turística e de lazer no município, tentando assim promover o bem-estar de seus cidadãos.

## **Capítulo 1 – TURISMO E LAZER: AS BASES TEÓRICAS DE ANÁLISE**

Este início de século tem sido marcado por um tempo de grandes transformações, busca de novos direcionamentos e estabelecimento de valores que permitam uma real melhoria da qualidade de vida. É um momento de garantir o atendimento das necessidades humanas com um uso adequado das riquezas existentes. Tais necessidades, de maneira geral, devem ser atendidas em dois níveis básicos: o primeiro diz respeito as ações de subsistência, relacionadas ao tempo de trabalho, e o segundo relaciona-se às ações do repouso, da pausa para prática do lazer, das atividades turísticas e de recreação (Andrade, 2001).

### **1.1 - Uso do tempo livre: lazer e turismo**

Grande é a mudança que vem ocorrendo no mundo atual. Emergem novos modos, ditos mais flexíveis, de acumulação do capital que influenciam de maneira determinante a vida das pessoas e das classes onde se inserem, notadamente no que se refere ao uso do tempo de trabalho e o uso do tempo de lazer e turismo. Para elucidarmos a questão, voltaremos um pouco no tempo, resgatando a origem dos acontecimentos atuais.

O modelo de desenvolvimento vigente teve seu marco inicial por volta da segunda metade do século XVIII, quando ocorreu na Europa um acontecimento de alcance mundial, cuja consequência foi a profunda transformação de toda a sociedade ocidental. Era a Revolução Industrial, em que a velha estrutura feudal – descentralizada, sem fronteiras nacionais e baseada na propriedade fundiária – deu lugar, gradativamente, a uma outra estrutura social que foi se impondo lentamente, com a predominância de novas

relações de trabalho sustentadas pela acumulação privada dos meios de produção e por uma intensificação das trocas mercantis.

Com esse processo, surgiu um arcabouço jurídico que se institucionalizou através de um novo pacto social e político, de uma nova maneira de ver, explicar e agir no mundo, baseando-se na busca da riqueza pela riqueza, tendo o prazer como o objetivo principal da vida.

Na nova ordem, a procura de satisfação deu ao homem o sentido de poder, opondo-se, dessa forma, aos antigos valores feudais que condenavam o enriquecimento e a busca do lucro. A mudança política foi profunda, pois naquele momento era necessário que o Estado passasse a proteger os interesses dos acumuladores de bens e propriedades. O liberalismo substituiu o mercantilismo, bem como a ciência substituiu a religião, como fator determinante das atitudes econômicas do homem. O racionalismo passa a embasar a nova concepção de universo, desprezando o pensamento teológico. Surgiu, então, uma nova classe social, a burguesia, que começou a impor seus valores em todos os níveis, incentivando o esforço individual e o hedonismo (Carlos, 1988). A partir dessa mudança, pautando-se pela ordem e dinâmica do meio urbano.

A grande massa que foi sendo expulsa dos campos pela expansão dos meios técnicos na produção agrícola dirigiu-se às cidades e, precisando sobreviver, submeteu-se a árduas jornadas de trabalho impostas pelos detentores dos meios de produção. Trabalhavam até 16 horas num processo pautado pela: uniformidade, regularidade e continuidade vigiadas, assim distinguindo-se das atividades desenvolvidas no campo, as quais eram ritmadas pelas condições climáticas das estações do ano. Com o advento da grande indústria e do operário, a máquina exerce controle e cadência intensos, produzindo um espaço de trabalho que passou, na exploração, a incluir mulheres e crianças. Iniciava-se a jornada aos dez anos e trabalhava-se até a morte, geralmente prematura.

Até hoje, como salienta Harvey (1989), vivemos numa sociedade em que a produção ocorre em função do lucro dos detentores dos meios de produção, sendo este o grande norteador da vida econômica em nível global. Mas, desde a Revolução Industrial, muita coisa tem mudado em termos das relações de trabalho vigentes no capitalismo, notadamente no que se refere à extensão das jornadas de trabalho, as quais sofreram gradual redução.

Das diversas conseqüências advindas de tantas mudanças tecnológicas e organizacionais na esfera das relações de trabalho, desde a revolução industrial, o aumento do tempo livre é um tema que tem chamado a atenção de muitos teóricos, principalmente daqueles ligados às ciências humanas (Félix, 1999).

A preocupação tem girado em torno da forma como o uso do tempo livre tem se modificado no decorrer dos séculos, principalmente no que se refere às atividades de lazer, concentrando-se em uma discussão sobre as inúmeras maneiras que os segmentos contemporâneos do capital têm de promover processos inclusivos e excludentes socialmente.

Marcellino (1983) nos lembra que nas sociedades tradicionais pré-industriais não havia separação entre as várias esferas da vida do homem. Os locais de trabalho ficavam próximos ou até se confundiam com as moradias, e a produção relacionava-se à família. O trabalho era interrompido para conversas, acompanhava o ritmo do homem e, muitas vezes, era acompanhado por cantos.

Ao contrário, na sociedade moderna, essencialmente urbana, acelerou-se a divisão social do trabalho, tornando-o cada vez mais especializado e fragmentado, distanciando o espaço de trabalho daquele em que é possível o estabelecimento de relações extra-econômicas gratificantes. Daí porque a gestação da reivindicação do lazer como esfera concreta e própria. O uso do tempo livre para o desenvolvimento de atividades de lazer é resultado dessa situação histórica – do progresso tecnológico como fator de alienação e



apartação, mas também como fator que permitiu maior produtividade com menor tempo de trabalho. Contudo, se o lazer surgiu como resposta às reivindicações sociais pelo direito ao gozo do tempo do não-trabalho, essa concessão só foi permitida apenas como descanso e recuperação da força de trabalho. Paralelamente, também em decorrência dessa situação histórica marcada pelo grande desenvolvimento tecnológico – com um incremento significativo dos transportes, principalmente o ferroviário e marítimo, surge o turismo na forma que conhecemos atualmente, isto é, como fenômeno pelo qual o homem pode se deslocar até espaços consideravelmente distantes, para usufruir de suas belezas naturais e históricas. Turismo esse que, sendo acessível apenas para as classes abastadas, somente em meados do século XX entraria na perspectiva das camadas médias e populares subordinadas no mundo do trabalho.

Inicialmente, durante o século XIX, o trabalho industrial durava seis dias da semana, com treze horas cada um, num total aproximado de setenta e cinco horas semanais. Hoje, esse total é, em média, de quarenta e cinco horas, com uma diminuição significativa de trinta horas semanais de trabalho. As férias anuais foram regulamentadas em três semanas a cada doze meses trabalhados, indicando que, em pouco mais de cem anos, o tempo livre do trabalhador aumentou mil e quinhentas horas por ano, já que atualmente ele trabalha, em média, cerca de duas mil e duzentas horas anuais.

No Brasil, a questão da redução das horas de trabalho tem seu início junto com o processo de industrialização, em fins do século XIX. A primeira greve, datada de 1901, aconteceu na Companhia Industrial de São Paulo, quando os operários reivindicavam, entre outras coisas, a fixação da jornada diária de trabalho em onze horas. Em 1902, no Rio de Janeiro e em 1905, em Sorocaba, interior paulista, greves de trabalhadores das manufaturas nascentes lutavam para reduzir as jornadas diárias em vigor, de quinze e dezesseis

horas. Em 1903, no Rio de Janeiro, houvera uma manifestação grandiosa, que reuniu cerca de vinte e cinco mil trabalhadores do ramo têxtil, os quais conseguiram uma redução significativa da jornada para nove horas e meia diárias. Pouco a pouco, a indústria brasileira foi crescendo em produção e em número de trabalhadores. O recenseamento industrial de 1907 traz indicação da existência de 3.258 empresas no Brasil, com um total de 150.841 operários, tornando a luta pela diminuição da jornada mais séria. A partir desse momento, muitas conquistas foram sendo obtidas.

Durante o governo Vargas, os trabalhadores conseguiram uma série de benefícios: salário mínimo, regulamentação das férias, da aposentadoria e, finalmente, a legalização da jornada de oito horas, apresentados na Consolidação das Leis de Trabalho – CLT. Hoje, o trabalhador brasileiro tem, em média, uma jornada semanal de quarenta e oito horas (podendo chegar a sessenta com as horas-extras), 2.200 horas num ano oficial de 273 dias, igualando-se a países desenvolvidos. Aqueles que exercem atividades no setor terciário trabalham, em média, 1.800 horas por ano, situação que os operários europeus e americanos alcançaram no final da década de 70 (Camargo, 1989).

Mas será que esse tempo livre, conquistado com muita luta, tem sido usado para o desenvolvimento de atividades de lazer? Na realidade, as condições de uso do tempo livre para lazer não são iguais para todas as camadas da população, pois muitas vezes esse é apenas um tempo do não-trabalho ou tempo gasto em transporte. Os brasileiros gastam, em média, cinquenta e nove horas por semana, somando o tempo de trabalho e deslocamentos.

Por outro lado, convém mencionar que, com o aumento das horas de tempo livre, ocorreu um crescimento da oferta de opções de lazer influenciando a população no sentido de usufruir desse direito.

O lazer, assim, pode dar satisfação às pessoas, inclusive permite que elas sejam reiteradas e vistas como as que têm práticas

ajustadas e adequados ao seu meio. Embora a forma mais freqüente de interpretar o tema lazer seja contrapô-lo ao tema trabalho (Bramante, 1997 e outros). Dumazedier (1994) mostra, em seu livro *A revolução cultural do tempo livre*, que o lazer foi se transformando num fenômeno ambíguo, apresentando aspectos múltiplos e contraditórios. Assim, embora a sociologia do lazer tenha tido uma evolução lenta em termos de formulação de uma teoria consistente sobre o assunto, é possível detectar e salientar profundas mudanças sofridas no tratamento desse tema.

Uma delas é a que destaca o aumento progressivo do tempo do não-trabalho e as formas de utilizá-lo. Outras denotam que a concepção de vida do ser humano em relação a si próprio tem, ainda que vagarosamente, passado da ética de repressão para a ética de expressão, indicando um aumento da consciência de si mesmo e da necessidade de sua preservação. Neste começo de século, estamos assistindo à transformação da sociedade industrial (predominante até então em número de pessoas empregadas) em sociedade da prestação de serviços – incluindo-se nela o lazer.

## **1.2 – Diversos tratamentos aos temas: lazer e turismo**

Compreender o fenômeno do lazer é essencial para que se atinja a complexidade do turismo, avaliando suas conseqüências na vida das pessoas e sobre os diferentes espaços em que ocorrem.

O uso da palavra “lazer” vem crescendo, participando de conversas informais, sendo título de artigos em jornais e revistas, designando espaços e loteamentos urbanos e rurais, dando nomes a clubes, formas de ócio e de descanso. Mas nem sempre foi assim. Na sociedade pré-industrial, essencialmente rural, não havia separação entre as várias esferas da vida do homem. Na sociedade moderna, fundamentalmente urbana, a industrialização acentuou a especialização, caracterizando-se o binômio trabalho/lazer, distinto

das formas que ocorre na sociedade rural. Aqui a incorporação da palavra lazer ao vocabulário comum deu-se através da vivência ou da sua necessidade, variando de acordo com a situação sócio-econômica, a faixa etária, o sexo das pessoas, o tempo disponível e a atitude de indivíduo frente à vida.

Dumazedier (1973) considera, preponderantemente, as duas variáveis – tempo e atitude – na conceituação do lazer, tido como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1973: 34).

Requixa (1977) entende lazer como “uma ocupação não-obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciem condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social” (Requixa, 1977:28).

Nas definições dos dois autores, percebe-se a ênfase ao caráter liberatório do lazer, indicando uma livre escolha mesmo que não seja de forma absoluta, porém carregada pelos condicionantes sócio-econômicos. As duas definições ressaltam que as funções do lazer são: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento de atividades que propiciem a expansão da personalidade e da sociabilidade de cada indivíduo, sozinho ou em grupo.

Os dois autores acima citados, Requixa e Dumazedier – o primeiro, brasileiro e o segundo, europeu – possuem uma concepção funcionalista do tema, com um forte conteúdo conservador, colocando o lazer como simples “função” reparadora do trabalho, instrumento para melhorar o desempenho, considerando o homem como máquina que precisa de períodos de descanso para recuperar as energias.

Como o lazer, o termo turismo pode ter inúmeros significados. A palavra turismo vem do francês *tour*, que significa *volta*, dar um *giro*, realizar um deslocamento de ida e volta para o local de partida, envolvendo um tempo relativamente curto destinado ao desenvolvimento de atividades de lazer e recreação. O pesquisador suíço Arthur Haulot indica como a verdadeira origem da palavra turismo – do hebraico *tur* – o que aparece na Bíblia com significado de viagem de reconhecimento (Barretto, 1995).

Todavia, pode-se afirmar que, consensualmente, o turismo é visto como um fenômeno histórico, nascido da extensão do tempo livre pela redução do tempo de trabalho, do estabelecimento de férias e finais de semana remunerados; do desenvolvimento dos transportes e do aumento dos salários, criando um novo modo de vida na sociedade moderna.

Turismo é um deslocamento de pessoas do seu local de residência fixa, por diversas motivações. É considerado também um fenômeno que acarreta trocas econômicas, sociais, culturais.

### **1.3. – Turismo e desenvolvimento sustentável**

Atualmente, o turismo entendido como opção de desenvolvimento social e econômico só poderá acontecer sob o respaldo do conceito de Desenvolvimento Sustentável, amplamente difundido nas discussões acadêmicas e governamentais. Pode ser definido como uma tentativa de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das futuras gerações (Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento, 1987). O objetivo fundamental seria a promoção de um desenvolvimento sócio-econômico equitativo e a qualidade ambiental.

O desenvolvimento sustentável é aquele que prevê:

- a utilização dos recursos e serviços ambientais de acordo com sua capacidade de renovação;

- a distribuição das atividades territoriais de acordo com seu potencial; e
- a prática de atividades pouco poluentes.

O desenvolvimento sustentável, então, deve ser aquele que se expressará dentro de uma organização espacial que considera as necessidades humanas sem prescindir da preocupação com a integridade da base biofísica. Introduzir esse conceito nas discussões sobre as atividades turísticas em cidades é fundamental.

Rodriguez (1997) ressalta que o essencial na teoria do desenvolvimento sustentável é a determinação dos princípios de sustentabilidade que se relacionam com a satisfação das diferentes necessidades humanas, tais como: subsistência, proteção, participação, identidade, criação, ócio, liberdade e afeto. É importante, no modelo de desenvolvimento sustentável, a articulação política necessária para sua implementação, indicando requisitos básicos para sua aplicação, a saber:

- a participação do cidadão comum nos processos de tomada de decisões, transformando as relações de poder e superando desníveis entre atores hegemônicos e executores;
- a descentralização – transferência de atributos e recursos desde um centro decisório até as instâncias intermediárias ou de base.

Deve-se, então, encarar o desenvolvimento sustentável não só como um objetivo primeiro a ser alcançado mas um processo de, principalmente, mitigação de impactos causados pela ação do homem junto aos territórios. Será um grande desafio a ser encarado pela sociedade como um todo, pois os princípios para sua reformulação devem basear-se em certas prioridades, tais como: a procura de uma cultura da paz; a erradicação da pobreza dentro de um mundo mais igualitário, com uma distribuição de renda mais justa; educação para todos e, finalmente, promoção de um modelo de desenvolvimento aliado à preservação.

É dentro desse contexto de reformulação geral e de reorganização da economia em tempos de globalização, que as cidades turísticas vêm sendo encaradas como uma das principais formas de desenvolvimento para o futuro. Enquadrá-las no conjunto de alternativas de desenvolvimento sustentável, gerenciadas sob condições de sustentabilidade, baseando-se na eficiência econômica e na equidade social, considerando as especificidades de cada lugar em que acontecerá e a capacidade de suporte do mesmo, é uma tarefa árdua que as administrações municipais devem encarar.

O processo de planejamento turístico dentro dos critérios do desenvolvimento sustentável tem, também, um caráter de redirecionamento das políticas turísticas e sócio-ambientais na medida em que podem adotar medidas, ao mesmo tempo mitigadoras e preventivas em relação ao uso e ocupação do espaço de lazer. Para que haja um verdadeiro reconhecimento dessa realidade, uma nova moral e uma nova ética são necessárias, as quais legitimem novos caminhos compromissados com a preservação da terra e com o bem-estar da população, através de estratégias consistentes de ecodesenvolvimento, num novo projeto de sociedade sustentável, onde o turismo desempenha papel fundamental.

Em Rio Claro, como em muitos dos mais de 5 mil municípios existentes hoje no Brasil, a função social do turismo é considerada prerrogativa nas ações governamentais. Encara-se o fenômeno turístico como uma possível mola propulsora da economia local e regional, dentro de um plano de fomento a atitudes de acolhida saudável aos visitantes que aqui chegam.

## **Capítulo 2 – A GESTÃO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS E DE LAZER EM RIO CLARO**

Atualmente, o turismo tem papel de destaque na economia mundial, situando-se entre os três maiores produtos geradores de riqueza – 6% do PNB global – ficando atrás, apenas, da indústria de armamentos e de petróleo (Rodrigues, 1997). As previsões são otimistas e indicam que, com o aumento crescente das horas livres, a redução do tamanho médio das famílias e do envelhecimento demográfico, haverá um desenvolvimento significativo das atividades turísticas no mundo todo. Assim sendo, observa-se que tais atividades já estão despontando como importantes agentes reorganizados dos espaços, impondo movimentos e análise de um processo que tem, certamente, repercussões consideráveis.

O atual período histórico sinaliza mudanças na forma de apropriação dos recursos existentes. Há uma necessidade de maior conhecimento a respeito dos espaços, uma redescoberta do mundo e uma revalorização das próprias atividades antrópicas e, ainda, uma mudança nas formas de abordagem e de análise. Nesse contexto, cresce a importância do território como categoria de análise e o turismo como agente reorganizador sócio-espacial.

O espaço é um conjunto de arranjos de objetos geográficos, naturais e sociais (Santos, 1997). Em outras palavras, o espaço é produto da natureza e a sociedade intermediado pelo trabalho. Por esse processo infinito, a sociedade e o espaço evoluem, muitas vezes, de maneira contraditória.

O turismo, dentro desse contexto, vem sendo considerado um dos principais responsáveis por inúmeras reorganizações das funções entre as diferentes frações do território onde se desenvolve. Há uma procura incessante do capital por locais mais rentáveis oferecendo maiores possibilidades a cada lugar voltado para o turismo de se afirmar e se diferenciar na região. Dessa forma, as diferenciações



geográficas ganham uma importância fundamental, o que significa uma redescoberta da natureza ou uma revalorização de cada lugar que recebe um novo papel, uma nova função e um novo valor (Lacoste, 1977).

Santos (1997) explica que o espaço é formado por fixos e fluxos. Os primeiros são os instrumentos de trabalho e as forças produtivas, incluindo os homens. O conjunto de fixos é representado por objetos naturais e sociais. Os fluxos são o movimento, a circulação, a distribuição e o consumo. A cada tipo de fixo corresponde um fluxo. Um fixo é, ao mesmo tempo, um objeto técnico e um objeto social, graças aos fluxos.

Nos espaços usados para o desenvolvimento de atividades turísticas como Rio Claro, os fixos são representados pelo equipamento turístico, ou seja, a infra-estrutura básica, os estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes, hotéis, pelos atrativos histórico-culturais (bens culturais, museus, monumentos, festas típicas) e atrativos naturais (florestas, recursos hídricos etc.).

A administração municipal de Rio Claro tem desenvolvido projetos que visam dar maior visibilidade ao patrimônio rio-clarense, seus prédios históricos com grande riqueza arquitetônica e também o conjunto de utensílios, hábitos, maneiras de usar, ver e crer, enfim as formas de vida cotidiana dos mais variados segmentos que compõem a sociedade local.

Podemos citar como exemplos de ações relacionadas a preservação e recuperação do patrimônio histórico, cultural e artístico local a restauração, em 1997, do Gabinete de Leitura, construção do século XIX que abriga parte do acervo da Biblioteca Municipal. Este prédio, um dos mais antigos de Rio Claro e um dos primeiros do país a utilizar mão-de-obra livre, é o único exemplar no Estado de São Paulo que funciona com a mesma finalidade para qual foi criado em 1910.

O Gabinete de Leitura de Rio Claro foi criado para servir a vida cultural da comunidade e suprir as necessidades escolares do município. Suas formas arquitetônicas foram inovadoras para a época, pois usaram o tijolo, pouco utilizado até então. Foi tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) em 1985, guardando hoje 26 mil livros disponíveis para mais de 12 mil sócios cadastrados.

Outro patrimônio histórico e arquitetônico de Rio Claro que vem passando por processo de revitalização é o prédio da antiga Estação ferroviária, localizada no centro da cidade. Construído em 1910, em substituição ao primeiro prédio (1876), a Estação era ponto de parada de locomotivas que transportavam, principalmente, café e muitos viajantes de todas as partes do país.

Em 1985, o prédio foi tombado pelo CONDEPHAAT e com a gradativa desativação do transporte ferroviário, foi disponibilizado em 1999, para a Prefeitura Municipal de Rio Claro que ali instalou a Secretaria de Turismo.

Além do restauro e conservação do patrimônio histórico, a administração municipal incentiva eventos tradicionais como o Carnaval, festas folclóricas e típicas, que atraem um número cada vez maior de visitantes da cidade e região. É um movimento realizado através da Secretaria Municipal de Turismo em direção à melhoria da qualidade de vida da população local, através da promoção de atividades turísticas e de lazer.

### **2.1. – A gestão das atividades do turismo histórico-cultural**

O turismo educacional, através do projeto “Conheça Rio Claro”, tem sido incrementado, envolvendo milhares (mais de trinta mil participantes) de estudantes das redes municipal e estadual de ensino, nos últimos cinco anos. As atividades de tal projeto dão

oportunidade aos estudantes de conhecerem o centro histórico de Rio Claro, a Usina Corumbataí, a Floresta Estadual "Navarro de Andrade", a chácara Orquídea e as condições de saneamento básico locais.

O principal objetivo do projeto "Conheça Rio Claro" é dar oportunidade aos alunos das escolas da cidade de tomarem contato com o patrimônio local, conhecendo o conjunto de bens culturais e naturais da região. Percorrem o centro histórico, observando os diversos monumentos existentes nas suas duas principais áreas verdes urbanas, a praça da Liberdade e as Praças Quinze de Novembro e Otoniel Marques Teixeira, o magnífico Jardim Público. Visitam a Igreja Matriz de São João Batista, a antiga Estação Ferroviária (hoje abrigando a Secretaria Municipal de Turismo, como já dissemos), o Arquivo Histórico e o Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga.

Percorrendo as ruas centrais da cidade nesse roteiro histórico, o estudante, bem como outro visitante, pode estabelecer uma relação entre o passado e o presente, percebendo a continuidade dos fatos e atos das pessoas que construíram esse espaço urbano de Rio Claro.

Dessa forma, há uma possibilidade de contribuição para uma formação mais ampla do estudante, oferecendo-lhe um referencial capaz de permitir a sua identificação como cidadão rio-clarense e brasileiro (Barreto, 2000).

Infelizmente, muito do patrimônio histórico-arquitetônico de Rio Claro foi destruído no passado, dando lugar a um crescimento vertical, concentrado na área central. Entretanto, atualmente é notório o consenso de que há a necessidade de se estabelecerem políticas de preservação do patrimônio local, refletindo uma mudança significativa de valores, evidenciando-se a importância de se proteger, resguardar e conservar nossos bens culturais e naturais.

Incentivando um fluxo constante de visitas ao centro histórico de Rio Claro, a administração municipal promove a transformação do

patrimônio local em atrativo turístico, mostrando que esse recurso cultural não é apenas “coisa velha”, mas um agente de aquisição de conhecimento e, especialmente, de integração com o cotidiano das pessoas, formando e recuperando a memória e a identidade locais.

## **2.2. – A gestão das festas típicas**

Com o desenvolvimento de projetos de turismo, em forma de festas e em roteiros histórico-culturais, direcionados tanto para a população residente como aquela que visita Rio Claro vinda de outras cidades, a administração municipal demonstra um esforço no sentido de oferecer mais atrações, respeitando as peculiaridades locais e criando alternativas para diversificar as maneiras de se usufruir do lazer.

Hoje, das principais festas típicas realizadas em Rio Claro, merecem maior destaque: o Carnaval em fevereiro; as atividades do aniversário da cidade em junho: Exposição Nacional de Orquídeas, Salão de Artes Plásticas, Exposição de Carros Antigos e Festa Aviatória etc.; Arraial Azul – festa julina; a Festa di San Gennaro em setembro; a Festa das Nações em outubro.

Entre as atividades culturais permanentes da cidade temos o Projeto “4 e meia” – no lago Azul, Tardes de Nostalgia e Chorinho – na Praça Dalva de Oliveira e Manhãs de Seresta no Jardim Público – sempre aos domingos.

Essas festas são celebrações que têm valorizado a comunidade local e, ao mesmo tempo, enriquecido o cotidiano da população. Observa-se que, com o passar dos últimos anos, tais festividades transformaram-se em atrativo turístico expressando a cultura rio-clarense, trazendo características que misturam o sagrado e o profano, quebrando regras e inventando novas formas de interação entre as pessoas. É importante dizer que todas essas festas citadas

são realizadas ao ar livre, nas ruas ou em espaços abertos, o que permite a socialização sem que haja uma distinção social.

### **2.2.1 – Carnaval – a maior festa popular de Rio Claro**

#### **Breve histórico**

O carnaval pode ser considerado a maior festa popular de Rio Claro, evento que atrai, anualmente, centenas de foliões locais e da região. É, na verdade, uma festa que ocorre em muitas cidades brasileiras, com origem perdida no tempo.

Alguns estudiosos afirmam que o carnaval pode ter suas raízes relacionadas a alguma festa primitiva que comemorava a entrada da primavera. Há outros autores que levantam a possibilidade de o carnaval ter surgido antes de Cristo, mas a maioria acredita que tenha seu começo nas alegres festas do Egito e da Grécia, ou ainda nos bacanais de Roma, realizadas em dezembro. Os cristãos iniciavam as comemorações do carnaval em 25 de dezembro, abrangendo as festividades do Natal, do Ano Novo e de Reis, onde predominavam jogos e disfarces. No carnaval romano, aconteciam corridas de cavalo e corcundas, desfiles de carros alegóricos, brincadeiras com confetes e outros divertimentos.

Sofrendo inúmeras modificações no decorrer do tempo e de acordo com as diferentes culturas, o carnaval incorporou-se, de maneira significativa, em diversas sociedades, principalmente a brasileira, tornando-se uma verdadeira festa tradicional. Certos carnavais ficaram famosos como os de Veneza, Nápoles, Florença e Nice.

Uma das versões mais aceitas para explicar as raízes diz que o vocábulo vem da expressão latina "carnem levare", modificada depois para "carne, vale!" (adeus, carne!), palavra originada entre os séculos XI e XII que indicava a quarta-feira de

cinzas e anunciava um período de abstinência de carne devido à Quaresma. Certamente a origem da denominação *Dias Gordos*, quando a ordem é transgredida e os abusos tolerados, em contraposição aos *Dias Magros* da Quaresma.

## **O carnaval brasileiro**

De acordo com Queirós (1992), a origem do carnaval brasileiro é europeia, do século XVII, caracterizando-se como sendo uma herança do entrudo português, festa de rua que envolvia uma série de brincadeiras grosseiras que evidenciavam uma tentativa de quebra da rigidez patriarcal da época. No início do século XX, foram acrescentados os elementos africanos, que contribuíram de forma definitiva para o seu desenvolvimento e originalidade. Pode-se afirmar então que o carnaval brasileiro é fruto da união destas duas culturas, a portuguesa e a africana.

O entrudo foi trazido em 1641 para o Rio de Janeiro, primeira cidade brasileira a realizar o evento, transformando-se, tempos depois, numa festa tradicional, isto é, um carnaval reconhecido internacionalmente. O termo, derivado do latim "introitus", significa "entrada", nome usado pela Igreja Católica para designar o começo das solenidades da Quaresma.

Com o passar do anos, o entrudo foi mudando, adquirindo maior graça e leveza, embora ainda permanecesse muito precário quanto à música; o entrudo não possuía um ritmo ou melodia que o simbolizasse. Apenas a partir da primeira metade do século XIX, com a chegada dos bailes de máscaras nos moldes europeus (mascaradas italianas), houve um certo desenvolvimento musical mais sofisticado.

Ainda de acordo com Queirós (1992), o primeiro baile de máscaras do Brasil aconteceu no Hotel Itália, no Rio de Janeiro, em 1840 (a máscara carnavalesca foi uma influência francesa, introduzida no Brasil, por volta de 1834). As distinções sociais dentro

das festividades carnavalescas eram evidentes: de um lado, ocorria a festa de rua, ao ar livre e popular; de outro lado, o carnaval de salão que agradava sobretudo à classe média emergente no país. Os bailes eram animados pelo ritmo da polca – primeiro gênero a adotado como música carnavalesca no Brasil. Logo depois, os salões passaram para quadrilha, valsa, tango, "cake walk", "charleston" e maxixe.

Em 1907 foi realizada a primeira matinê, baile infantil que até os dias de hoje diverte as crianças. Em 1909, surge o primeiro concurso, premiando a mais bela mulher, a fantasia mais bonita e a melhor dança. Enfim, o carnaval crescia a cada ano, passando a fazer parte da realidade cultural do país.

Nesse período surgem os desfiles de carros alegóricos, novidade que a classe média da época inventou para sair às ruas com outra novidade européia. O pioneiro da idéia foi o romancista José de Alencar, um dos fundadores de uma Sociedade denominada Sumidades Carnavalescas, primeiro clube a desfilar, em 1855. As sociedades eram agremiações que, com suas alegorias e sátiras ao governo, encontraram uma forma saudável de competição.

Em meados dos anos quarenta do séc. XIX, aconteceu um fato que revolucionou o carnaval carioca: apareceu um conjunto de bombos e tambores liderado pelo sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes, o famoso "Zé Pereira" (tocador de bumbo). Para alguns estudiosos, este foi o introdutor no Brasil do costume lusitano de animar a folia carnavalesca com bumbos, zabumbas e tambores, tocados pelas ruas. A tradição se espalhou rapidamente e o sucesso do bloco ruidoso do "Zé Pereira" foi muito grande, perdurando por muito tempo. A música de carnaval começava a nascer no Brasil.

Apesar de grande sucesso dos bailes de salão, foi na esfera popular que o carnaval adquiriu formas autênticas e brasileiras. O povo, por iniciativa própria, disciplinou as brincadeiras de rua, o antigo entrudo português, passando a utilizar a organização das

procissões religiosas para a comemoração do carnaval: surgiram, dessa forma, os blocos e cordões, grupos que originariam mais tarde as escolas de samba. Formados por negros, mulatos e brancos de origem humilde, os cordões animavam as ruas ao som dos instrumentos de percussão. Sofreram forte influência dos rituais festivos e religiosos trazidos da África, legando para as gerações seguintes o costume de se fantasiar no carnaval.

Os cordões possuíam música própria, desfilavam com estandarte e eram comandados pelo apito de um mestre. Daí a importância que tiveram para a formação das futuras escolas de samba, que tomariam conta do carnaval brasileiro, a partir da década de 20, começando pelo Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 30.

Segundo Severiano (1987), a partir dos anos 60, o prestígio das escolas de samba aumentou significativamente, atraindo um meio de comunicação mais moderno, a televisão, que se firmava no mercado brasileiro. No início da década de 70, com a chegada da transmissão em cores na televisão, o carnaval tornou-se mais forte ainda, passando a ser encarado como um espetáculo a ser vendido. Tal fato indica a transformação de uma festa popular, de rua, onde a população se divertia à vontade, num verdadeiro "produto turístico", rendendo aos organizadores do carnaval, através da comercialização de ingressos destinados aos turistas do mundo inteiro, grandes somas. Apesar da participação cada vez menor do povo no carnaval, os desfiles das escolas de samba vêm, ao lado das marchinhas que ainda resistem no salão, assegurando a tradição carnavalesca brasileira.

Hoje, o carnaval carioca é considerado um dos mais belos espetáculos do planeta, com apresentações de escolas de samba que possuem estrutura empresarial, indicando um outro momento



histórico onde o capital foi, gradativamente, inserido, transformando um evento local numa festa internacional.

Em São Paulo, capital, o carnaval foi, durante longo período, uma festa restrita aos salões. Só começou a ser praticado nas ruas por influência das escolas de samba do Rio de Janeiro. Atualmente, reproduz, de maneira bem semelhante, o estilo carioca das grandes escolas, enfatizando o luxo das fantasias e alegorias.

### **O carnaval em Rio Claro**

Nas cidades do interior paulista como Rio Claro, existe também uma tradição de se realizar o evento momesco dentro do modelo carioca: o carnaval de salão (luxuoso ou popular) e o desfile das escolas de samba. Assim, nas últimas décadas, o carnaval foi se transformando num ritual padronizado em todo o país.

Paralelamente aos desfiles de rua, o carnaval de Rio Claro é realizado em diversos clubes da cidade, atraindo a população local e visitantes da região. Os principais clubes são: Grupo Ginástico Rio-clarense; Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista de Estradas de Ferro; Grêmio Recreativo Bela Vista; Floridiana Tênis Clube; Sociedade Veteranos; C.S.U. Mitiko Nevoeiro.

Rio Claro, a Capital da Alegria, tem realizado, continuamente, o carnaval, há mais de cem anos. De maneira geral, os desfiles do início do século XX eram constituídos de desfiles de clubes com carros alegóricos, que ora homenageavam, ora satirizavam as figuras ilustres nacionais, estaduais e locais.

Em meados do século XX, surgiram as primeiras escolas de samba da cidade que, até o final dos anos 90, abrilhantaram o carnaval rio-clarense. O desfile de carnaval, inicialmente, percorria as ruas centrais da cidade, atraindo a comunidade e muitos visitantes da região e da capital. Nos anos 80, com o crescimento da população

local e do evento em si, os organizadores municipais do carnaval de Rio Claro deslocaram o desfile para a Avenida Visconde do Rio Claro (local próximo ao centro da cidade), ampliando o percurso, oferecendo mais comodidade ao público, com a montagem de arquibancadas e camarotes. Em meados dos anos 90, com intenção de ampliar a oportunidade de participação de populares no carnaval de rua, a administração municipal transferiu, mais uma vez, o desfile para a via de acesso Pres. Kennedy, entrada sudoeste da área urbana. Dessa forma, observou-se uma tentativa de adequação do carnaval local aos moldes nacionais, das grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, por inúmeras razões e, principalmente, pelas especificidades da sociedade local, há dois anos, o desfile carnavalesco da Capital da Alegria não acontece na via citada acima. Este é um momento histórico de grandes transformações globais que acarretam a necessidade de movimentos de adequação das comunidades locais. Certamente, em 2003 o desfile voltará a acontecer, ressurgindo com força total.

É importante destacar a existência da famosa “Banda do Veneno”, bloco que há mais de uma década mantém a tradição de desfilar pelas ruas principais da cidade, fazendo o antigo percurso do Corso de Rio Claro. Formada por pessoas amantes do carnaval e interessadas na manutenção do costume local, tem alegrado a cidade, dando uma oportunidade para a população participar espontaneamente do evento de rua. Ao mesmo tempo, a manutenção contínua da apresentação da Banda do Veneno simboliza a força cultural, a preservação e a difusão do carnaval da Capital da Alegria.

Juntamente com a Banda do Veneno, a administração municipal, por intermédio da Secretaria Municipal de Turismo, promove um desfile, em carro alegórico, da Corte simbólica do Rei Momo, da Rainha do Carnaval e suas princesas, escolhidas em concurso.

Outra atividade que merece destaque, a partir de 2000, é a promoção de bailes populares na antiga Estação Ferroviária, escolhida por estar localizada no centro da cidade e apropriada para realização de eventos culturais e turísticos. Ali são realizados bailes de Máscaras e shows de artistas ligados ao carnaval, bem como matinês para o público infantil. Mais de cinco mil pessoas por noite aderiram ao Carnaval Popular de 2002.

Além do já mencionado, a administração local faz exposição de fotografias que contam a história do carnaval de Rio Claro em Museu de Rua, montado em avenidas centrais da cidade. Evidencia-se, assim, mais uma estratégia de entretenimento e de fomento da atividade turística local, mostrando uma nova tendência de democratização da cultura e da promoção da cidadania individual e coletiva.

O carnaval rio-clarense foi e certamente sempre será uma atividade de grande valor social, cultural e histórico. Podemos afirmar, tal como Melo Neto (2001), que o carnaval de Rio Claro é um verdadeiro agente do patrimônio histórico-cultural, representando a memória viva da cidade e, portanto, não pode deixar de existir.

### **2.3. – A revitalização da atividade artesanal em Rio Claro**

A revitalização da atividade artesanal em Rio Claro também tem sido uma das preocupações da atual administração municipal local através das Secretarias da Cultura e a do Turismo. Uma feira permanente de artesanato foi instalada, primeiramente, na praça “Navarro de Andrade”, na avenida sete com rua 1-B. Hoje, esses artesãos foram transferidos para uma área próxima, em frente ao Shopping Center. Neste ponto, há maior visibilidade das barracas que comercializam os mais diversos produtos, desde simples trabalhos manuais até peças entalhadas em madeira, metal, cortiça, tecido etc.

Outro espaço que tem sido aberto para exposições dessa natureza é a antiga Estação Ferroviária, onde recentemente aconteceu a 1ª Feira Regional de Artesanato e Cultura, reunindo artesãos de quinze municípios vizinhos. No local também foram expostos diferentes produtos da região, tais como: arte em cerâmica, mosaico, vidro, cristal, tecido, madeira, sisal, bijouterias, entre outros. O evento, que contou com o apoio da Prefeitura Municipal e do Sebrae, teve atrações gastronômicas, apresentações musicais e teatrais, chamando um grande público de Rio Claro e cidades próximas.

Esse expressivo movimento de revitalização da atividade artesanal indica um incentivo à produção por meio da valorização de costumes tradicionais. Destaca também um resgate da auto-estima individual dos artistas populares, um passo a mais em direção à afirmação da cidadania por meio de seu saber específico, que vem produzindo um artesanato de qualidade com marcas culturais locais.

A tendência atual é que haja uma consolidação cada vez mais acentuada das feiras de artesanato no município, notadamente aquelas que acontecerem na Estação Ferroviária, o que deve atrair um fluxo de turistas ávidos por mais opções de lazer e entretenimento.

## **2.4. – Atividades turísticas e de lazer na Floresta Estadual Navarro de Andrade**

### **Breve Histórico**

A Floresta Estadual Navarro de Andrade, antigo Horto Florestal, é considerada o maior patrimônio natural e cultural do município, com reconhecida importância histórica, preservando certas espécies não mais encontradas em outras unidades florestais brasileiras.

É uma das Unidades do Instituto Florestal, órgão da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (a passagem da sua administração para a SEMA aconteceu em 1998). Possui uma área de 2.222,79 ha coberta, principalmente, por eucaliptos plantados desde o início do século XX, representando, atualmente, 50% da concentração vegetal de Rio Claro.

A Floresta Estadual, propriedade da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro (como outros do Estado), foi criado pelo engenheiro Edmundo Navarro de Andrade com o propósito de realizar estudos genéticos e experiências verificadoras das condições de aclimação dos eucaliptos no Brasil, planta original da Austrália. A Cia. Paulista procurava material adequado para fabricação de dormentes, mourões, postes e lenha para queimar em suas locomotivas a vapor. O eucalipto atendeu, por muitas décadas, às necessidades da ferrovia. Dos estudos de Navarro de Andrade surgiu, no interior do então Horto Florestal, o Museu do Eucalipto, único no Brasil. Ali estão expostos diferentes objetos feitos com madeira de eucalipto, história das primeiras pesquisas de Navarro de Andrade e muitas outras preciosidades do mundo da silvicultura.

Em 1977 o Horto Florestal Navarro de Andrade, suas dependências e Museu do Eucalipto foram tombados pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de S.Paulo). Segundo Ab'Saber (1977), membro do CONDEPHAAT, esta unidade florestal é um dos mais importantes hortos do Brasil, principalmente pela sua contribuição à evolução da silvicultura nacional. Além disso, destacou também que a implantação do Horto Florestal de Rio Claro seguiu um planejamento técnico-científico rigoroso, representando um período de investimentos feitos pela antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, tornando-se um bem cultural precioso dentro do Estado de São Paulo.

Atualmente, apesar das inúmeras ameaças à preservação do seu quadro paisagístico, a Floresta Estadual Navarro de Andrade tem seu patrimônio natural e cultural razoavelmente preservado. Muitas instituições têm contribuído para isso, desde o Governo Estadual (através da Secretaria do Meio Ambiente), passando pela administração municipal e estudiosos da Universidade Paulista, campus de Rio Claro, até organizações não governamentais como a Associação de Amigos do Horto, formada por membros da sociedade civil local. Em todas estas instâncias observa-se a preocupação com a preservação da diversidade ambiental e cultural da Unidade Florestal.

### **Turismo e lazer na Floresta Estadual**

O então Horto Florestal foi criado com finalidades econômicas, ou seja, para plantio de eucalipto necessário para ferrovia, e com o passar dos anos deixou de ter essa função principal, embora ainda conserve uma verdadeira floresta plantada. Dessa forma, por reservar características naturais distantes do cotidiano humano, é um local especial para turistas. É uma área muito próxima ao núcleo urbano de Rio Claro, mas com aspectos não urbanos excepcionais, diferenciando-se pela beleza cênica de seus eucaliptos, mananciais, trilhas e construções que constituem uma herança para gerações futuras, um patrimônio natural e cultural a ser preservado e conhecido.

O uso recreativo da Floresta Estadual é conhecido há muito tempo, tendo sido intensificado nos últimos anos, o que acarreta a necessidade urgente da elaboração de um plano de manejo adequado da área que inclua o seu aproveitamento turístico.

A atividade turística na Floresta de Rio Claro, se bem direcionada e planejada dentro de uma perspectiva sustentável, com construção de uma infra-estrutura mínima para visitantes, pode atualizar o seu padrão de uso. Dessa forma, ocorrerá ao mesmo

tempo, a manutenção do eucalipto existente e o adensamento da mata em forma de sub-bosque, bem como o aproveitamento recreativo da área. A exploração turística da área seria feita sem prejuízo da conservação ambiental, havendo a possibilidade de coexistência pacífica dos usos científicos e recreativos do local.

## **2.5 – O turismo histórico-cultural e ambiental na Usina Corumbataí**

Outra verdadeira relíquia histórica do município de Rio Claro que vem recebendo muitos visitantes é a Usina Corumbataí, inaugurada em 1895. A Usina utiliza o potencial hidrelétrico do Rio Corumbataí e do Ribeirão Claro, com uma casa de máquinas, construída em alvenaria de pedras, em estilo alemão.

Localizada na Rodovia Fausto Santomauro, que liga Rio Claro a Piracicaba, possui o Museu da Energia, com importante acervo sobre a evolução histórica da energia no Brasil. Em 1965, a Usina Corumbataí foi incorporada à Companhia Hidroelétrica do Rio Pardo – Cherp e em 1966 integrada à atual Companhia Energética de São Paulo – Cesp.

Em 1970 a Usina foi desativada e, em 1979, restaurada sob a supervisão do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat, sendo tombada, oficialmente, em 1982. Em 1999 passou para a Companhia de Geração de Energia Elétrica Tietê, empresa cindida da Cesp, e no mesmo ano veio a integrar o acervo da Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo.

## **2.6. – O turismo de compras no Shopping Center de Rio Claro**

A transformação das formas tradicionais de comércio em uma opção de lazer, ou seja, no chamado "turismo de compras", tem motivado o deslocamento de muitas pessoas para certos lugares, principalmente para os shoppings centers. É uma das formas de se fazer turismo que vem crescendo no Brasil, surgindo como uma alternativa viável para cidades médias como Rio Claro que já possuem um parque industrial reconhecido e um comércio consolidado, capaz de manter produtos com qualidade.

Até meados da década de 90, Rio Claro possuía uma rede de lojas na área central e em alguns bairros da cidade. A partir de 1995, com a inauguração do Shopping Center, aconteceu uma reviravolta total nas relações comerciais varejistas locais, deslocando-se, parcialmente, o eixo de atração para o novo empreendimento. O novo lócus de consumo conquistou, de imediato, um grande número de visitantes da cidade e da região, criando-se um fluxo contínuo de turistas.

O Shopping Center foi implantado a partir da adaptação estrutural e arquitetônica da antiga Tecelagem Matarazzo, na Vila Paulista, bairro próximo ao centro da cidade. O resultado foi o surgimento de uma construção horizontal, totalmente diferente de outros shoppings centers do país, oferecendo recepção aos visitantes, amplo estacionamento, inúmeras lojas, praça de alimentação, supermercado, cinemas e área de entretenimento. É importante destacar que a população rio-clarense recebeu com muito entusiasmo o novo centro comercial, mostrando muita hospitalidade ao receber os visitantes.

A inauguração do Shopping Center trouxe uma série de benefícios para cidade: estimulou a circulação de recursos com o recolhimento de impostos que estão sendo revertidos para melhoria da infra-estrutura urbana; gerou empregos desde o setor terciário (tanto pessoal empregado diretamente nas lojas, bares, lanchonetes e outro comércio e administração dentro do próprio empreendimento



como aqueles indivíduos que oferecem seus serviços no entorno como motoristas, guias de turismo etc.), passando pelo secundário (fabricação de móveis, confecções, alimentos etc., e todos aqueles responsáveis pela fabricação de determinadas mercadorias), chegando ao primário (agricultores, pecuaristas fornecedores de gêneros para o supermercado local etc.). Certamente, todos esses fatores têm contribuído para a fixação das pessoas em Rio Claro. A geração de novos empregos relacionados diretamente ao Shopping Center (embora considerada tímida), a entrada de divisas, o desenvolvimento de todos os setores econômicos e o surgimento do turismo de compras acarretaram, inegavelmente, uma melhoria da qualidade de vida da população de Rio Claro.

## **Capítulo 3 – O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS**

Evidencia-se em Rio Claro uma iniciativa inédita, um verdadeiro processo de planejamento das atividades turísticas e recreacionais através de intervenções sérias e profissionais da administração municipal. Observa-se, através das ações da Secretaria de Turismo local, que o objetivo dos dirigentes municipais é melhorar a qualidade de vida da população. Dessa forma, o poder local encara a atividade turística como uma das maneiras de se alcançar um desenvolvimento sócio-espacial mais efetivo, acreditando também que o lazer pode auxiliar na superação de problemas, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de conquistas de melhores condições culturais, contribuindo para a manutenção da identidade da população interiorana, bem como preservando o patrimônio histórico. Além disso, destaca que o turismo pode trazer divisas para o município, sendo mais uma alternativa econômica geradora de empregos.

Enfim, a administração municipal de Rio Claro tem valorizado muito o desenvolvimento local, mitigando um pouco os efeitos da globalização que tenta tornar todos os espaços homogêneos, destacando, através do turismo e do lazer, as especificidades desta região, preservando as relações comunitárias. A seguir, apresentaremos um breve texto sobre o movimento social localista, elucidando a questão.

### **3.1 - Turismo e desenvolvimento local**

Os pressupostos ideológicos do desenvolvimento local não são atuais. Vamos comentar, de maneira sucinta, alguns fatos que elucidam a questão.

De acordo com Rodrigues (2001), durante os anos 70, aconteceram grandes movimentos sociais reivindicatórios como as manifestações estudantis da França (1968) e a Primavera de Praga (1969) que tiveram repercussão mundial, bem como os movimentos sociais urbanos ocorridos da América Latina durante os regimes militares. Eram movimentos reivindicatórios das chamadas *comunidades de base* podendo ser considerados as raízes (ou as sementes) dessa tendência que hoje vem sendo implementada denominada *desenvolvimento local*.

Ainda de acordo com a autora acima citada, estudiosos do assunto determinam o nascimento do movimento de desenvolvimento local na França, a partir de 1981, quando iniciou-se um processo de descentralização administrativa, fato desencadeador de uma reorientação da política da União Européia. Enumera países que aderiram à regionalização com objetivos administrativos como Portugal, França, Itália, Alemanha e Reino Unido.

A estudiosa comenta que o conceito de desenvolvimento sustentável, muito difundido após a Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente), no Rio de Janeiro, teve uma evolução paralela ao de desenvolvimento local, pois tanto um como outro expressam a importância da mobilização das comunidades locais.

A teoria do desenvolvimento com base local atual insere-se no âmbito de uma política de emancipação e afirmação, surgindo, freqüentemente, no seio de organismos estatais como a Embratur, citando como exemplo o PNMT, Plano Nacional de Municipalização do Turismo. Neste caso, a Embratur coloca-se como impulsionadora e parceira nos projetos de turismo com base local. Dessa forma, enfatiza que as comunidades precisam ser preparadas para assumirem suas parcelas de responsabilidade, voltando-se para o estabelecimento de políticas públicas direcionadas para o crescimento do turismo interno.

E é justamente nesse tempo de globalização que as especificidades locais vem emergindo com muito vigor, tentando-se não perder as identidades culturais regionais. As comunidades são impelidas a gerir seus próprios destinos, lutando para não perderem a soberania.

Assim, é nesse contexto de mutações velozes e extraordinárias que vem ocorrendo um sistemático movimento de descentralização administrativa, delegando-se poderes cada vez maiores aos níveis territoriais locais, num evidente processo de gestão compartilhada.

Um estado progressista, destaca Rodrigues (op. Cit.), deve criar possibilidades para que a sociedade possa ser ouvida e atendida em suas necessidades. Além disso, deve estabelecer novos instrumentos jurídicos facilitadores do processo do desenvolvimento com base local, incluindo-o nas diretrizes da Lei Orgânica Municipal. Diz também, com muita propriedade, que cada realidade local é um microcosmo cujo desenvolvimento pode adotar um percurso distinto, visando sempre a uma melhoria da qualidade de vida da população.

### **3.2 – Rio Claro dentro do PNMT**

O Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT é um Programa desenvolvido e coordenado pela EMBRATUR. Para o desenvolvimento de tal Programa adotou-se uma metodologia específica da Organização Mundial do Turismo – OMT, com adaptações à realidade brasileira.

O principal propósito da Embratur, ao estabelecer esse Programa, é o de implementar um novo modelo de gestão da atividade turística, numa tentativa de tornar mais homogêneas e integradas as ações Estaduais e municipais no setor. Dessa forma, fica evidente que as esferas federais brasileiras vêm buscando maior eficiência na gestão da atividade turística, de forma participativa e valorizando a descentralização.

Na verdade, o PNMT serve como instrumento de mobilização, sensibilização e capacitação, apoiando as funções gerenciais de planejamento, tomada de decisão e controle operacional, abrangendo os Órgãos da Administração Pública (gestão direta ou indireta), como Autarquias, Fundações e Empresas públicas e privadas.

### **Objetivos do PNMT**

- Fomentar o desenvolvimento turístico sustentável dos municípios, com base na sustentabilidade econômica, social, ambiental, cultural e política.
- Conscientizar e sensibilizar a sociedade para a importância do turismo como instrumento de crescimento econômico, geração de empregos, melhoria da qualidade de vida da população e preservação de seu patrimônio natural e cultural.
- Descentralizar as ações de planejamento, coordenação, execução, acompanhamento e avaliação, motivando os segmentos organizados do município a participar da formulação e da co-gestão do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo Municipal.
- Disponibilizar, aos Municípios brasileiros com potencial turístico, condições técnicas, organizacionais e gerenciais para o desenvolvimento da atividade turística.
- Estimular o fortalecimento das relações dos diferentes níveis do poder público com a iniciativa privada, visando ao estabelecimento de parcerias para discutir os problemas e buscar soluções em benefício da comunidade.

### **Dinâmica do PNMT**

Capacitação em Oficinas, que ocorrem em três fases:

- 1ª Fase – Conscientização: capacitação dos Agentes Multiplicadores Nacionais, Estaduais e dos Monitores Municipais, para a mobilização, sensibilização e conscientização da comunidade.
- 2ª Fase - Capacitação: qualificação dos Agentes Multiplicadores Nacionais, Estaduais e dos Monitores Municipais, para a orientação dos diversos segmentos da comunidade com vistas à constituição do Conselho Municipal do Turismo e do Fundo Municipal do Turismo.
- 3ª Fase – Planejamento: capacitação dos Agentes Multiplicadores Nacionais, Estaduais e dos Monitores Municipais, como Facilitadores na Metodologia Simplificada de Elaboração da Estratégia Municipal de Desenvolvimento Sustentável do Turismo.

A Coordenação do PNMT a nível nacional fica a cargo Coordenação Geral exercida pela EMBRATUR e pelas instituições parceiras.

A Coordenação do PNMT a nível Estadual compete ao Comitê Estadual do Programa, formado por representantes da unidade gestora da política de turismo e das instituições parceiras estaduais.

Compete ao Conselho Municipal de Turismo, criado dentro da filosofia do PNMT, iniciar e coordenar o processo de elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo, com enfoque participativo.

Desde 1997 Rio Claro está envolvida com o PNMT através da participação de membros da Secretaria Municipal de Turismo nas oficinas de sensibilização e capacitação para multiplicadores, objetivando elaborar e implementar um plano municipal de turismo sustentável, desenvolvendo o setor local.

Neste mesmo ano, a SET participou de um processo de identificação de municípios prioritários para o desenvolvimento do turismo realizado pela EMBRATUR. Na verdade, trata-se de uma pesquisa anual realizada através do formulário RINTUR – Roteiro de Informações Turísticas – Atualização Básica Anual. Funciona como um instrumento de pesquisa que classifica as localidades em: a) Municípios Turísticos (MT), como aqueles núcleos consolidados, com um turismo efetivo, capaz de gerar deslocamentos e estadas de fluxo permanente; b) Municípios com Potencial Turístico (MPT), que são aqueles possuidores de recursos naturais e culturais expressivos, encontrando no turismo diretrizes para o desenvolvimento sócio-econômico do município.

O objetivo desse processo denominado RIMTUR é identificar municípios prioritários para o desenvolvimento do turismo no país, priorizando, a curto prazo, aqueles que receberão recursos públicos no financiamento de empreendimentos turísticos. Além disso, visa, a médio e longo prazos nortear as atividades de planejamento, voltadas ao desenvolvimento turístico municipal.

Assim, pode-se nortear as administrações municipais sobre a importância da adoção de instrumentos técnicos adequados e de infra-estruturas institucionais e organizacionais eficientes, tendo em vista viabilizar o desenvolvimento de sistemas locais de turismo de forma ordenada e sustentável. A realização de uma pesquisa anual possibilita a reavaliação do potencial dos municípios já identificados pela EMBRATUR, a identificação de novos municípios, favorecendo eventuais alterações quanto à prioridade, bem como a atualização dos dados municipais fornecendo a real situação dos mesmos.

Dessa forma, após o envio e análise das informações solicitadas no RIMTUR pela Embratur, em 1998, Rio Claro recebeu o título **de município de Potencial Turístico**. Evidencia-se um grande avanço no setor, pois desta data em diante o município passou a ter um

status definido dentro do panorama nacional do setor turístico, recebendo mais atenção e colaboração dos órgãos federais e estaduais.

### **3.3 – A criação do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo em Rio Claro**

Um dos mais importantes passos em direção a implantação de um projeto de turismo sustentável e eficiente foi a criação do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo em Rio Claro, no final de 2001. O Conselho tem representantes da área governamental (secretarias municipais de educação, cultura etc.) e da sociedade civil (rede hoteleira, comércio, indústria, agências de viagem, setor de restaurantes, ambientalistas, artesãos, sindicato rural, advogados etc.).

O COMTUR é um órgão superior consultivo e deliberativo criado para assessoramento da municipalidade em questões referentes ao desenvolvimento turístico local.

Desde a sua criação, o Conselho tem se reunido, periodicamente, para, primeiramente, redigir um regulamento de procedimento e também para estabelecer as estratégias de ação para a coordenação, orientação e o fomento do turismo em Rio Claro. A prioridade é a elaboração de um *Plano Diretor de Turismo* para o município de Rio Claro que norteará todas as ações do setor, visando ao desenvolvimento da atividade, promovendo sempre atitudes de inclusão da população local.

Administrado pelo COMTUR, foi criado, também por lei municipal, o Fundo Municipal de Turismo. A sua principal função é a viabilização econômica do turismo, concentrando recursos financeiros de várias procedências, objetivando consolidar a atividade no município.



### **3.4 – Rio Claro e o turismo no Mercosul**

A década de 90 iniciou-se com uma clara tendência para a segmentação da economia mundial em blocos regionais. Na América Latina, o estabelecimento de mecanismos de integração tem como principal fato a criação do Mercosul – Mercado Comum do Cone Sul, em 1991. Com isso, recebeu grande parte dos investimentos estrangeiros realizados em países em desenvolvimento, crescendo o nível de confiabilidade do sistema financeiro internacional em relação à região.

O Mercosul é uma tentativa integracionista envolvendo o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai, o Chile e a Bolívia, possibilitando o aumento do mercado consumidor, além de maiores chances de participação na economia mundial. Um dos objetivos principais da consolidação desse bloco é substituir a concorrência entre nações pela concorrência entre regiões.

É importante ressaltar que, devido à proximidade cultural e geográfica dos países integrantes, o Mercosul poderá vir a ser um projeto comunitário dotado de grande vitalidade social e econômica.

Dentro do Mercosul existe a rede das Mercocidades, que reúne Prefeituras dos países integrantes do bloco regional, cuja tarefa é fortalecer as administrações municipais no plano político, econômico e social para enfrentar a globalização.

A implantação da rede de Mercocidades tem como principal propósito a integração, a comunicação e a troca de experiências entre as cidades membros. Foi criada em 1995, durante o "Seminário sobre o Mercosul", quando foi escrito um documento intitulado Declaração de Assunção, enfatizando a necessidade de se criar uma rede que permitisse às autoridades locais a participação na tomada de decisões sobre integração regional.

As cidades brasileiras que fazem parte da rede de Mercocidades são: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Guarulhos (SP), Joinville (SC), Juiz de Fora (MG), Londrina (PR), Piracicaba (SP), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Ribeirão Preto (SP), **Rio Claro (SP)**, Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Bernardo do Campo (SP), Santo André (SP), Santa Maria (RS) e São Paulo (SP).

A rede de Mercocidades possui as Unidades Temáticas, que são os órgãos através dos quais se desenvolvem trabalhos permanentes, sobre temas específicos e de relevância para as cidades, visando a seu desenvolvimento e fortalecimento para uma maior e melhor integração do Mercosul. As Unidades Temáticas existentes são as seguintes: Ciência, Tecnologia e Capacitação; Desenvolvimento Econômico Local; Desenvolvimento Urbano Meio Ambiente; Cultura; Autonomia e Gestão Municipal; Planejamento Estratégico; Cooperação Internacional; Desenvolvimento Social; Educação; Gênero e Município; e Turismo, que tem Florianópolis como cidade coordenadora. Fazem parte também deste último grupo do turismo as cidades de Belém, Belo Horizonte, Buenos Aires, Curitiba, Diadema, Guarulhos, Joinville, La Plata, Macaé, Mar del Plata, Mendoza, Montevideo, Piracicaba, Porto Alegre, Ribeirão Preto, **Rio Claro**, Rio de Janeiro, Salvador, Santa Maria, São Bernardo do Campo, Tucumán, Ushuaia, Valparaíso.

Rio Claro participa como cidade membro desde 1998, pois, durante a III Cúpula de Prefeitos, ocorrida em Córdoba (Argentina), propôs o seu ingresso, que foi aprovado, durante a IV Cúpula, em Montevideo, capital do Uruguai. Atualmente, Rio Claro é membro das Unidades Temáticas (UT) de "Desenvolvimento Urbano", onde também desempenha o papel de sub-coordenadora, "Desenvolvimento Econômico Local" e "Cultura", "Educação" e "Meio Ambiente".

Dessa forma, é muito importante destacar que hoje Rio Claro pode trocar experiências entre as cidades-membro, fortalecer contatos entre as mesmas e ter oportunidade de elaborar material de divulgação em conjunto, investindo na sua imagem como município de potencial turístico.

## **CAPÍTULO 4 – INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA E DE APOIO**

### **4.1- Meios de Hospedagem em Rio Claro**

Como mencionamos na Introdução, Rio Claro teve sua origem, em meados do século XVIII, ligada à abertura de rotas pelos bandeirantes que adentravam pelo sertão. Aqui pernoitavam, descansavam e davam *assistência* aos animais usados para transporte (daí inclusive o nome do Distrito da Assistência...). Isso significa que, desde aquele tempo, Rio Claro oferecia pouso aos viajantes. Muitas vezes, os hóspedes ficavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas da região. Mas geralmente ficavam mesmo em ranchos que existiam à beira das estradas, estabelecimentos rústicos que forneciam alimentos e bebidas aos viajantes. Ao redor dos ranchos e pousadas ao longo das estradas locais foram surgindo pequenas casas comerciais e de prestação de serviços que deram origem ao núcleo urbano de Rio Claro. Mais tarde, com o crescimento da cidade, estalagens e pequenos hotéis foram sendo construídos, principalmente durante o período do Barões de Café. Dessa época até o presente momento, o panorama mudou muito em termos de oferta hoteleira em Rio Claro. Atualmente, a cidade possui um Distrito Industrial consolidado, atraindo um fluxo considerável e constante de visitantes do chamado Turismo de Negócios, que ocupam a quase totalidade da oferta de unidades habitacionais dos meios de hospedagem existentes na cidade, notadamente, durante os dias de semana. Além disso, em Rio Claro e região são realizados muitos

congressos científicos, seminários, simpósios e reuniões empresarias (muitos deles realizados dentro de certos estabelecimentos hoteleiros preparados para isso) que também trazem muitos visitantes para cá, deixando os hotéis com pouca ociosidade.

A seguir, na tabela 1, apresentamos os principais estabelecimentos hoteleiros de Rio Claro, destacando na tabela 2 os hotéis em projeto de construção, evidenciando-se um crescimento significativo do setor na cidade.

**Tabela 1 – Principais Meios de Hospedagem de Rio Claro**

Meios de Hospedagem	Data de inauguração
LÍDER Hotel	1952
Hotel ITAIPU	1974
ZARKOS Hotel	1983
NEJASA Hotel	1984
EMPRESA RIO-CLARENSE de Hotelaria	1985
Hotel POUSADA DO BARÃO	1986
Hotel Fazenda HARMONIA	1988
Hotel BRASÍLIA	1988
RIO CLARO PLAZA Hotel e Turismo	1988
Hotel CENTRAL de Rio Claro	1988
Hotel D'ITÁLIA	1994
CENTRAL PARK Flat Hotel	1999

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO, 2002.

Org: QUEIROZ, Odaléia T. M. M.

**Tabela 2 – Meios de Hospedagem em construção em Rio Claro**

Meios de Hospedagem	Número de apartamentos	Data prevista de inauguração
HOTEL CRISTAL	78	DEZ.2002

HOTEL ÍBIS	110	2003
ROYAL PALACE	84	2004

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO, 2002.

Org: QUEIROZ, Odaléia T. M. M.

## **4.2 AGENCIAMENTO DE VIAGENS EM RIO CLARO**

Os principais vetores do produto turístico são as transportadoras, os meios de hospedagem e as operadoras de turismo que atuam através das agências de viagens. É um mercado atrelado às grandes companhias de transporte, redes hoteleiras e operadoras de turismo espalhadas pelo mundo. Além disso, relaciona-se com as forças tecnológicas, culturais e socioeconômicas atuais.

O Brasil é campeão em vendas de pacotes internacionais e, apesar da tendência da globalização dos mercados em âmbito mundial, observa-se que cerca de 80% das maiores agências da América Latina não são filiais de multinacionais (Tomelin, 2001).

Entretanto, as agências de viagens e turismo sofreram um certo desaquecimento a partir de 1998, principalmente devido à guerra de tarifas (comissionamento) e à desvalorização cambial. Outro fato que desencadeou uma desaceleração nas vendas de pacotes turísticos através das agências foi o atentado terrorista aos Estados Unidos em setembro de 2001.

Gradativamente, o setor de viagens vem se recuperando, adaptando-se às novas tendências do mercado, notadamente à Internet, a mais revolucionária estratégia de vendas da atualidade. Através da Internet, as agências de viagens e turismo podem receber e fornecer um significativo volume de informações com rapidez e eficiência.

O agente de viagens é o responsável pela intermediação e distribuição dos produtos e serviços turísticos. Assim, é parte fundamental do sistema turístico de uma cidade como Rio Claro.

Há pouco menos de uma década, o número de agências de viagens em Rio Claro era restrito. Hoje, com a ampliação do mercado, temos mais de vinte empresas do ramo, de médio e pequeno porte. Quase todas representando operadoras tradicionais do país, oferecendo serviços de qualidade ao consumidor rio-clarense e região. Primordialmente se dedicam ao turismo emissor, responsáveis pelo atendimento das necessidades dos turistas locais que se deslocam para outros pontos do país ou exterior.

A tabela 3 mostra a evolução histórica do processo de implantação de agências de viagens em Rio Claro a partir da década de 70.

**Tabela 3 – AGÊNCIAS DE VIAGENS E TURISMO DE RIO CLARO**

<b>Agência de Viagens e Turismo</b>	<b>Data de criação</b>
1- MAJOTUR Viagens e Turismo Ltda	1971
2- WING'S Agência de Viagens e Turismo Ltda	1985
3- EURITUR Viagens e Turismo Ltda	1987
4- WB Viagens e Turismo Ltda	1987
5- JAROTUR Agência de Turismo Ltda	1988
6- VIKINGS TUR Agência de Viagem e Turismo Ltda	1991
7- WORLD EXPRESS Viagens e Turismo Ltda	1992
8- LINK CULTURAL Viagens e Turismo Ltda	1991
9- TURISMO YAMANE LTDA - transporte rodoviário turístico	
10- POMELA Câmbio e Turismo Ltda	1993
11- RAVENA Viagens e Turismo Ltda	1995
12- PARALELAS Agência de Viagens e Turismo Ltda	1995
13- BABALAU Agência de Viagens e Turismo Ltda	1996

14- SPLASH TOURS Agência de Viagens e Turismo Ltda	1997
15- MTB Viagens e Turismo Ltda	1997
16- SM ROCHA Agência de Viagens e Turismo Ltda	1997
17- DORIMAR Agência de Viagens e Turismo Ltda	1998
18- MAREDU TURISMO Agência de Viagens Ltda	1998
19- BUENO, OLIVEIRA E PINTO Viagens e Turismo Ltda	1998
20- POLTRONIERI & FILHO Viagens e Turismo Ltda	1999
21- SABA E RUGGIERO-Agência de Viagens e Turismo Ltda	
22- RIO CLARO Viagens e Turismo Ltda	
23- CLARIS TOUR Viagens e Turismo Ltda	2001

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO, 2002.

Org: QUEIROZ, Odaléia T. M. M.

A tabela 4 mostra também a evolução histórica do processo de implantação de agências de viagens em Rio Claro através das décadas.

**Tabela 4 - Número de Agências de viagem e turismo em Rio Claro através das décadas**

Número de Agências de viagem e Turismo através das décadas		%
Década de 1970	01	04%
Década de 1980	04	18%
Década de 1990	15	70%
Década de 2000	02	08%

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO, 2002.

Org: QUEIROZ, Odaléia T. M. M.

Constata-se que houve um grande crescimento do mercado local das agências de viagens e turismo durante a década de 1990. Iniciamos a década de 2000 também com indícios de otimismo, apesar dos efeitos negativos do atentado acima citado. Pode-se

afirmar que o momento é de profundas transformações para os agentes de viagens em geral, e os de Rio Claro também se preparam para um reordenamento de suas funções no mercado liderado pelos negócios via Internet. O período indica a necessidade da valorização da personalização do serviço e do diálogo, quando o agente vai adquirir características predominantes de consultor de viagens e não mais só um mero distribuidor.

Certamente, os agentes de viagens de Rio Claro, cientes das novas necessidades do mercado, serão hábeis o suficiente para, além de emitirem passagens e vender excursões, tornarem-se provedores de informações, experiências práticas essenciais no mercado turístico.



## **CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Resgatando o que dissemos no início, o objetivo principal deste trabalho foi o de apresentar a evolução do processo de turistificação do espaço de Rio Claro. Evidenciamos como o turismo, uma entre as diversas facetas do lazer, tem contribuído de forma significativa para a promoção do desenvolvimento local, e como a administração municipal tem contribuído para que esse processo tenha êxito através de ações valorizadoras dos aspectos históricos e naturais, folclore, costumes e, principalmente, a qualidade de vida da população de Rio Claro.

Evidentemente, sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto e pensando em contribuir com informações fundamentais para a implantação de um processo de planejamento do turismo sustentável em Rio Claro, dentro de uma abordagem sistêmica, elaboramos algumas sugestões. O propósito é prevenir e/ou minimizar os impactos sócio-ambientais decorrentes da atividade turística, a degradação dos recursos naturais existentes e a restrição do ciclo de vida de Rio Claro enquanto núcleo turístico. Pensamos nas seguintes premissas para nortear a elaboração do Plano Diretor de Turismo local:

- desenvolvimento das atividades turísticas mantendo a qualidade dos recursos históricos, culturais e ambientais, respeitando a sua capacidade de carga;
- desenvolvimento de atividades turísticas propostas, organizadas e administradas pelo poder e população locais;
- incentivo à participação das comunidades locais nas atividades turísticas, não só como mão-de-obra mas também como participantes ativos do processo de desenvolvimento, procurando harmonizar a cultura local e aquela advinda dos visitantes, tornando o turismo um processo incluyente;

- distribuição eqüitativa dos benefícios econômicos advindos das atividades recreacionais, enfatizando-se a participação em relação à tomada de decisões, da população local;
- promoção de atividades turísticas que desestimulem a segregação sócio-espacial, incentivando a oferta eqüitativa de equipamentos receptivos;
- promoção de um programa de educação turística para atingir a população local, conscientizando-a da importância de receber bem os visitantes e sensibilizar os turistas para que tenham atitudes respeitadoras em relação à cidade de Rio Claro.

Considerando que o turismo pode representar uma alternativa viável para Rio Claro, é fundamental que a administração municipal continue no caminho atual que já vem contemplando muito daquilo que enfatizamos nas premissas acima, investindo na recuperação e manutenção de patrimônios que testemunham a história local e valorizam a identidade de comunidade. Assim, certamente haverá possibilidade de se viabilizar a implementação de estratégias que levem a um real desenvolvimento local, incorporando a população rio-clarense nos processos de decisão que definirão um futuro próspero para cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente. **Gestão em Lazer e turismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. São Paulo, Papyrus, 1995.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas: Papyrus, 2000.

BRAMANTE, A.C. **Qualidade no gerenciamento do lazer**. In: BRUHNS, H.T. Org. Introdução aos estudos do lazer. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

CAMARGO, Luís Otávio. **O que é lazer**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CARLOS, Ana Fani D. **Espaço e indústria**. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1988.

COMISSÃO Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. **Turismo em parques nacionais**. In: FUNARI, Pedro P. e PINSKY, Jaime (orgs.). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Jofre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Nobel, 1994.

FELIX, Silvana. **Lazer e turismo em Três Marias: o acesso, a dimensão e o papel da diversão no cotidiano do pescador barrageiro**. \_Exame de Qualificação. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1999.

- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1989.
- LACOSTE, Yves. **La geografia, una arma para la guerra**. Barcelona: Anagrama, 1997.
- MARCELLINO, Nelson. **Lazer e humanização**. Campinas: Krisis, 1983.
- MELO NETO, Francisco Paulo de. **Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural**. In: FUNARI, Pedro P. e PINSKY, Jaime (orgs.). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.
- QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1977.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e ambiente. Reflexões e propostas**. São Paulo, Hucitec, 1997.

---

**.Desenvolvimento com base local como bandeira de uma política de emancipação e afirmação**. Texto apresentado em forma de palestra no IV Encontro Nacional de Turismo com Base Local (a ser publicado nos Anais do Encontro). Brasília: UNB, 2001.

- RODRIGUÉZ, J.M.M. **Desenvolvimento sustentável: níveis conceituais e modelos. Desenvolvimento sustentável e planejamento**. Fortaleza: Imprensa Universitária: UFC, 1997.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel: 1992.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SEVERIANO, Jairo. **Yes, nós temos Braguinha.** São Paulo: Funarte/Martins Fontes, 1987.

TOMELIN, Carlos Alberto. **Mercado de Agências de Viagens e Turismo.** São Paulo: Aleph, 2001.

[www.fphesp.gov.br](http://www.fphesp.gov.br)

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é uma singela construção de dois meses, realizada graças ao apoio e colaboração de alguns amigos, familiares e pessoas ligadas direta ou indiretamente ao setor do turismo de Rio Claro, aos quais deixo registrado meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, expresso meu agradecimento ao Prof. Dr. Cláudio de Mauro, Prefeito Municipal de Rio Claro e meu ex-professor no curso de Geografia da UNESP, pela confiança ao me convidar para redigir este trabalho sobre o turismo local;

À profa. MSc. Raquel Bovo, Secretaria Municipal de Turismo e funcionários do órgão, meu especial agradecimento, pela atenção, fornecimento de material e pelas sugestões;

À amiga profa. Dra. Mariselma F. Zaine, minha gratidão pela atenção e pelo pronto atendimento de minhas solicitações no fornecimento de material para este trabalho;

Aos funcionários municipais da Assessoria de Imprensa, do ISSQN e da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, meus agradecimentos pelas informações sobre o turismo de Rio Claro;

Finalmente, ao meu irmão Oscar Telles Marcondes Machado, agradeço pela paciência e bondade no encaminhamento do material necessário para este trabalho.

## **CURRÍCULO DA AUTORA**

### **Profa.Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz**

Turismóloga, geógrafa e pedagoga.

Especialista em Planejamento regional , UNESP.

Mestrado em Geociências e Meio Ambiente, UNESP.

Doutora em Engenharia Ambiental . EESC, USP.

Profa. convidada de pós-graduação em Geografia – UNESP, Rio Claro, SP.

Profa. convidada da pós-graduação em Cultura e Turismo – UESC, Ilhéus, BA.

Consultora em projetos de implantação de cursos superiores na área de Turismo, Geografia e Meio Ambiente e de projetos municipais de turismo.

Coordenadora e Professora do curso de Turismo – ISCA Faculdades de Limeira, SP.

Membro do Conselho Municipal de Turismo de Limeira e de Rio Claro, SP.